

5 f h] [c g

O episódio da tentação no deserto, o demônio parecia reconhecer em Jesus o Filho de Deus humanado, pois Lhe disse: *“Se és Filho de Deus, ordena que estas pedras se tornem pães”* (Mt 4, 3). E pouco depois: *“Se és Filho de Deus, lança-Te abaixo, pois está escrito...”* (Mt 4, 6).

Em outras passagens da Sagrada Escritura, ele faz, pela boca dos possessos, afirmações categóricas: *“Por que te ocupas de mim, Jesus, Filho do Deus Altíssimo?”* (Lc 8, 28). *“Tu és o Filho de Deus!”* (Mc 3, 11). *“Sei quem és: o Santo de Deus!”* (Mc 1, 24).

Qual é, porém, o significado exato do título de “Filho de Deus”, dado a Jesus pelo demônio?

Segundo explicam alguns exegetas, não é possível saber com certeza se satanás, chamando Jesus de “Filho de Deus”, tinha perfeito conhecimento de sua natureza divina, ou se tinha apenas a intuição de uma natureza mais ou menos sobre-humana cuja relação com a Divindade permanecia ainda bastante obscura.

Uma vez, pois, que não encontramos na Exegese a solução precisa do problema, procuremos na Teologia.

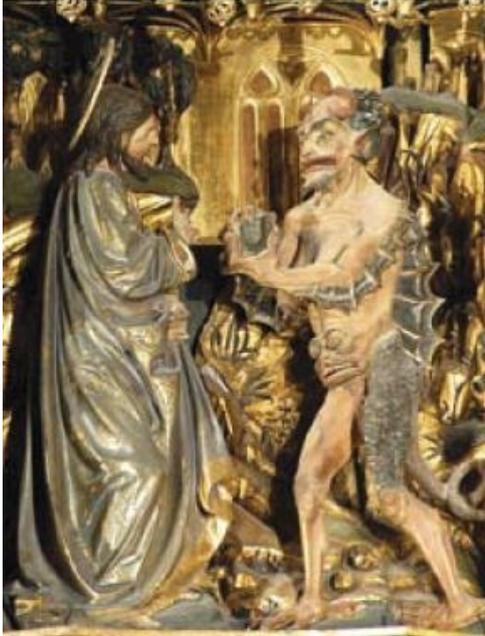
O demônio tira conclusões a partir dos fatos externos

O demônio não conhece naturalmente os segredos dos corações, nem os contingentes futuros, nem os mistérios da graça no que estes têm de sobrenatural e divino. O mistério da Encarnação não está, pois, ao seu alcance.

Os fatos externos, porém, estão. E ele pode, a partir dos fatos exteriores que conhece por meio das luzes naturais, deduzir com grande probabilidade a verdade dos mistérios da graça. Desse modo, o demônio tem uma qualquer coisa de “fé”.

A penetração de sua inteligência fá-lo descobrir os indícios manifestos da verdade. Contudo – como ensina São Tomás – essa “fé”, porque é forçada pela evidência dos sinais, não é obra da graça nem fé propriamente dita.

%#(



Por outro lado, seu espírito orgulhoso se inclina sempre a recusar adesão aos mistérios da graça. São Tomás acrescenta que a “fé” dos demônios é contrária à sua disposição de espírito: *“Desagrada aos demônios o fato de os sinais da fé serem tão evidentes que os obriguem a crer”* (1).

Donde é forçoso concluir que eles estão em revolta até mesmo contra essa evidência e são levados a se apegar a tudo que possa obscurecê-la.

Apliquemos agora esses princípios ao caso proposto.

O demônio tentou Jesus para verificar se Ele era de fato o Messias

Quando Nosso Senhor foi concebido pelo Espírito Santo no seio puríssimo da Bem-Aventurada Virgem Maria, o casamento desta com São José podia ainda esconder ao espírito perspicaz do demônio a realidade da Encarnação. Só mais tarde lhe foram fornecidos os indícios para descobrir esse mistério.

No momento da tentação no deserto, podia ele já suspeitar que Cristo era o Filho de Deus. Com efeito, a voz do Pai já se fizera ouvir no Batismo de Jesus, no Jordão: “Este é o meu Filho bem-amado” (Mt 3, 17; Lc 3, 22; 1Pd 1, 17).

&#(

5 f h] [c g

Porém, essa não é uma prova peremptória da Encarnação. Para começar, essas palavras vinham mesmo de Deus? Depois, tinha ela o sentido da filiação divina natural, e não adotiva? Assim, a fórmula da qual se serve satanás durante a tentação do Salvador, revelava uma hesitação: *“Se és o Filho de Deus...”*

O demônio tinha, sem dúvida, razões para supor que Jesus era o Cristo, o Messias, o Filho de Deus. Contudo, ele podia ter algumas incertezas, e a disposição natural devia levá-lo a formulá-las para si mesmo: *“Ele O tentou para averiguar se era o Cristo”* (2), afirma Santo Agostinho.

Ele era movido mais pela suposição que pela certeza

Entretanto, à medida que Jesus avançava em sua vida pública, os sinais se multiplicavam, testemunhando o caráter transcendental do Filho de Deus. Esses sinais não poderiam escapar à perspicácia do demônio. Assim, nas diferentes ocasiões em que este é obrigado a publicar uma verdade imposta a seu espírito, ele o faz com mais convicção do que no momento da tentação no deserto.

Diz a Jesus: *“Sei quem és: o Santo de Deus!”* (Mc 1, 24). Mais ainda, chama-O, sem hesitação aparente, de “Filho de Deus”, “Filho do Deus Altíssimo”.

“Tertuliano e outros exegetas pensavam que o demônio dava-Lhe este título por lisonja. Entretanto, é preferível crer que ele o fazia com toda sinceridade, se bem que a contragosto, pois Deus permitira que até mesmo o inferno rendesse testemunho a Cristo” (3).

Contudo, não há plena persuasão nesse testemunho. Pois, segundo São Tomás, eco da Tradição Católica, se os demônios *“tivessem conhecido perfeitamente e com certeza que Jesus era o Filho de Deus e quais seriam os frutos de sua Paixão, jamais buscariam a crucifixão do Senhor da Glória”* (4).

Com efeito, é grande a perspicácia dos demônios para compreender a força dos argumentos a favor da divindade do Salvador; mas é grande também sua perspicácia para descobrir as objeções, e – dada sua disposição de não crer, isto é, de não se deixar convencer senão à

força e em último extremo – concebe-se que eles tenham duvidado até o fim.

Escreve São Tomás: *“À vista dos milagres, o demônio conjecturou que Ele era o Filho de Deus. (...) E se ele O chamava de Filho de Deus, fazia-o movido mais por desconfiança que por certeza”* (5).

Conclusão: o demônio não conseguiu sair da dúvida

Satanás tinha, pois, a intuição, diríamos quase a convicção, de que Jesus era Filho natural de Deus. Entretanto, julgando a verdade apenas por sinais exteriores e com espírito preconcebido, ele conservava dúvidas sobre o mistério da Encarnação. Apesar de não ter podido deixar de reconhecer em Jesus Cristo a transcendência sobre-humana que as locuções “o Santo de Deus” e “o Filho de Deus” exprimiam energicamente.

- 1) Suma Teológica, II-II, q. 5, a. 2, ad. 3.
- 2) De Civitate Dei, I, XI, c. 21.
- 3) Fillion, *Evangile selon S. Marc*, Paris, 1895, p. 34.
- 4) Suma Teológica, I, q. 64. a. 1, ad. 4.
- 5) *Ibid*, III, q. 44, a. 1, ad 2.

(Revista Arautos do Evangelho, Março/2006, n. 51, p. 20-21)